

O CONCEITO DE GENEALOGIA EM NIETZSCHE*

THE CONCEPT OF GENEALOGY IN NIETZSCHE

Thiago Mota**

RESUMO: Este trabalho é uma interpretação do conceito de genealogia em Nietzsche através de uma leitura interna de sua *Genealogia da moral*. Foram localizados dois sentidos principais desse conceito: 1) genealogia é uma metodologia de investigação da história que estabelece princípios de interpretação; 2) mas é também de uma filosofia da história, uma vez que admite a pluralidade dos sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Genealogia. História. Filosofia da história.

ABSTRACT: This text is an interpretation of the concept of genealogy in Nietzsche through an internal lecture of his *On Genealogy of Morality*. We have found two main meanings of this concept: 1) genealogy is a method of historical investigation which establishes some principles of interpretation; 2) but it is also a philosophy of history since it admits the plurality of meanings.

KEY WORDS: Genealogy. History. Philosophy of history

1. Introdução

O conceito de genealogia é de tal envergadura que está completamente fora dos propósitos deste trabalho pretender esgotá-lo. Ainda que fosse possível fazê-lo aqui, tentar levar a efeito essa pretensão seria não dar ouvidos a uma das primeiras lições da genealogia, qual seja a de que o caráter de toda interpretação é inapelavelmente provisório e, portanto, inacabado. O que pretendo é apresentar uma noção geral e introdutória do conceito de genealogia que toque, ainda que superficialmente, em seus principais pontos, que sirva de acesso a Nietzsche e que viabilize o uso do conceito quando referido a um objeto específico. Ademais, definir o que se quer entender por genealogia é uma questão de rigor, é tentar tornar um preconceito minimamente claro a si mesmo, é tentar fazer de um preconceito um pressuposto.

* Prêmio Jovem Cientista Germana Amaral de Moraes, 2004, conferido pela PróReitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará e pelo Instituto Claude Bernard: melhor trabalho na área de Ciências Humanas. Trabalho apresentado no XXIII Encontro Universitário de Iniciação à Pesquisa da UFC, realizado em 1º e 2 de julho de 2004.

** Mestre em Filosofia - UFC. Bolsista Erasmus Mundus Europhilosophie - Université de Toulouse II – Le Mirail. Contato: thmotafs@gmail.com

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

A genealogia se nos apresenta, inicialmente, em dois sentidos, aparentemente contraditórios ou incompatíveis. Ela é uma metodologia, método de interpretação, um procedimento ou uma explicação, uma história enquanto relato, uma disciplina, uma modalidade de conhecimento histórico. Enquanto metodologia, a genealogia pode ser considerada em tese, quando estabelece princípios e métodos de interpretação, os quais se encontram, por exemplo, no Prólogo da *Genealogia da moral* de forma concentrada e de modo difuso ao longo de toda a obra; e pode ser considerada em uso, quando da aplicação daqueles princípios e métodos na prática, referidos a um objeto determinado, que pode ser mais amplo, como a moral, ou mais restrito, a exemplo do castigo. Mas a genealogia é também uma filosofia da história, uma concepção filosófica específica que admite que há na história um sentido, distinto daquele que a tradição concebeu, mas que é ainda um sentido, uma direção. Os aspectos metodológico e propriamente filosófico da genealogia se relacionam de modo a haver uma circularidade entre o método de pesquisa da história e a história que é conhecida por este método. Procurarei mostrar em que sentido essa relação se estabelece.

2. A que “histórias” a genealogia se opõe?

Ao longo de toda a *Genealogia da moral*, Nietzsche procura demarcar, pela crítica, o terreno próprio da genealogia. A genealogia é uma história que se distingue das demais, que começa a se definir pela oposição a outras histórias, que diz a que vem dizendo o que não é. Nietzsche objeta que a filosofia na medida em que é marcada por uma falta de “espírito histórico”, por ser “essencialmente a-histórica”, fundamenta uma história que é ela mesma a-histórica¹. Partindo desta visão, ele dirige seus ataques às concepções de história do utilitarismo², do evolucionismo³, do socialismo⁴ e do positivismo⁵, as quais poderiam todas ser pensadas basicamente ou sob o registro do niilismo histórico, ou sob o do otimismo histórico.

¹ NIETSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Trad., not. e posf. P. C. L. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. I, § 2. Doravante indicada por *GM*.

² *GM*, I, § 2

³ *GM*, I, § 3

⁴ *GM*, III, § 26

⁵ *GM*, III, § 26

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

No aforismo 26 da Terceira Dissertação se encontra um dos momentos em que a genealogia parece melhor delimitar seu campo em relação àqueles registros. Ao procurar o contra-ideal do ideal ascético, Nietzsche se indaga acerca da moderna historiografia positivista. “Sua pretensão mais nobre, diz ele, está em ser *espelho*; ela rejeita qualquer teleologia; nada mais deseja que ‘provar’, desdenha [se] fazer de juiz, vendo nisto o seu bom gosto – ela não afirma, e tampouco nega, ela constata, ‘descreve’...”, porém, “tudo isso é ascético em alto grau; ao mesmo tempo, que não haja engano, é *niilista* em grau ainda mais elevado!”. O positivismo histórico é compreendido, portanto, como uma forma de história niilista, como um niilismo histórico. Por outro lado, o almejado contra-ideal também não estaria na mais moderna ainda história contemplativa, “que flerta simultaneamente com a vida e com o ideal ascético, que usa a palavra ‘artista’ como uma luva e que hoje monopolizou inteiramente o elogio da contemplação”, pois a história desses “espectadores” nos indis põe com o “espetáculo”, ainda mais que o espetáculo, que é a própria história. A aceitar este otimismo histórico, Nietzsche “preferiria mil vezes vagar com aqueles niilistas históricos através da densa, cinza e fria névoa!” ou mesmo “dar ouvidos a um espírito completamente a-histórico, anti-histórico”. A história contemplativa, que Nietzsche exemplifica com o trabalho de Ernst Renan, seria então um otimismo histórico.

O niilismo histórico surge como expressão da vontade de nada. Sua negação de todo e qualquer sentido histórico consiste em uma idolatria do não-sentido, do nada de sentido, que, em última instância, expressa uma vontade de morte, corolário do ascetismo. O ideal de precisão na história, concebida como uma memória absoluta, um relato exato do que de fato ocorreu, levaria, no limite, a uma parada do tempo e, assim, à negação da própria vida. É preciso recordar aqui que o esquecimento é considerado por Nietzsche como uma das condições indispensáveis à vida. Por sua vez, o otimismo histórico, que pretende que o mundo é o melhor dos possíveis, escamoteia a tragicidade do real, obscurece mais do que esclarece, na medida em que é cego para o que há de mais efetivo, é, portanto, marcado por uma carência de senso histórico. No limite, esta concepção assume uma postura ascética e um desejo de nada que se equivale ao do niilismo histórico.

Se o contra-ideal do ideal ascético não se encontra nem no otimismo histórico dos contemplativos, que diz um Sim ingênuo ao mundo, nem no niilismo histórico dos positivistas, que lhe diz um Não pessimista, é porque o que Nietzsche quer é, para além do otimismo e do niilismo, o Sim trágico. Esta afirmação trágica do mundo é que seria, com

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

efeito, o ideal oposto ao ascético. E a história correspondente a este novo ideal teria de ser forçosamente uma história trágica: eis o que é a genealogia. Ao vincular o sentido histórico ao ideal trágico, Nietzsche afasta a genealogia tanto do niilismo quanto do otimismo, propondo uma nova filosofia da história.

3. Em que sentido a genealogia é cinza?

Ao enunciar a exigência de um conhecimento “das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram” os valores⁶, Nietzsche nos aproxima de uma definição de genealogia. Seria ela, do ponto de vista metodológico, a explicação de um fenômeno a partir da “reconstituição dos momentos constitutivos de seu vir-a-ser, de tal maneira que o sentido atual desse fenômeno não pode ser obtido sem o conhecimento da série histórica de suas transformações e deslocamentos”⁷. O método genealógico, pensado desde o viés sugerido por Giacoia, nem se restringe à pesquisa dos valores, nem toma a noção de valor como exclusivamente moral, ainda que os valores morais tenham aí papel destacado⁸. Assim, pode-se fazer uma genealogia de fenômenos outros que não valores, como é o caso do castigo, que é amplamente investigado na Segunda Dissertação em seus diferentes aspectos morais, religiosos, políticos, jurídicos, psicológicos, epistemológicos, metafísicos. Bem como se pode utilizar a genealogia como propedêutica de uma transvaloração de valores outros que não os morais, como os valores estéticos (o que Nietzsche faz reiteradamente), os valores políticos, os valores econômicos. De fato, uma radical transvaloração dos valores não pode se restringir ao âmbito da moral, ainda que tenha neste seu campo privilegiado. A genealogia, portanto, não é necessariamente uma genealogia da moral. Ela é um conhecimento que remonta genealógicamente as condições e circunstâncias de nascimento, desenvolvimento e modificação dos fenômenos.

A especificidade da genealogia em relação aos valores está no fato de que ela enceta sua avaliação, procura saber que valor têm os valores. Se “obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria, empobrecimento, degeneração da

⁶ GM, “Prólogo”, § 6.

⁷ GIACOIA JR, O. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000a. p. 46.

⁸ De acordo com Giacoia, a “explicação genealógica” já se encontra plenamente delineada em *Humano, demasiado humano*, portanto, antes de ser referida especificamente à problemática moral, que é objeto da *Genealogia da moral*. Cf. GIACOIA JR, O. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000a. p. 46. Logo, a “explicação genealógica” não pode ser tomada como um método restrito à história da moral.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida”⁹. O que caracteriza o procedimento genealógico é que ele promove uma avaliação dos valores, ele põe em questão o valor dos valores e das avaliações, desde uma perspectiva histórica, que se reporta, em último caso a um valor que não pode ser avaliado, o valor da vida. Com isso, todo valor revela-se inessencial, histórica e culturalmente engendrado e como fruto de interpretações e reinterpretações. Em face da genealogia cai todo valor absoluto. Isso, todavia, não redundaria em um relativismo radical, pois há um referencial inavaliável: a vida.

Ao colocar a vida como critério último, Nietzsche propõe uma inversão (ou seria uma “desinversão”?) do olhar que possibilita colocar em questão o valor mesmo da moral. Isto equivale à fundação de uma nova geografia, à descoberta de um novo mundo, o longínquo e recôndito continente da moral. O desejo de Nietzsche era “dar a um olhar tão agudo e imparcial uma direção melhor, a direção da efetiva *história da moral*”¹⁰. Ao azul dos ingleses, uma outra cor deveria ser preferida pelos genealogistas da moral: “o cinza, isto é, a coisa documentada, o efetivamente constatável, o realmente havido, numa palavra, a longa, quase indecifrável escrita hieroglífica do passado moral humano!”¹¹.

Nesse passo, a genealogia revela-se como uma história efetiva (*Wirkliche Historie*); o cinza, cor daquilo que é efetivo, como sua cor específica. O cinzento da genealogia, sua efetividade é garantida pelas fontes de interpretação de que ela se serve, as fontes histórico-documentais e as fontes etimológico-documentais, e pela referência a ciências que a auxiliam, como a psicologia, a fisiologia e a etnologia.

Por fontes histórico-documentais entendo as fontes históricas tradicionais, os documentos que são a matéria-prima da história. Nesta categoria são compreendidos tanto os documentos propriamente ditos, como leis, contratos, materiais impressos diversos que revelem práticas sociais características de uma época, quanto o material arqueológico, como ruínas, cerâmicas, ossadas. O uso desse tipo de fonte, evidentemente, não é exclusividade de Nietzsche. Sua singularidade nesse caso deve-se ao modo como ele as interpreta, servindo-se inclusive da etnologia, para embasar sua argumentação. Um exemplo desse tipo de fonte na *Genealogia da moral* é a referência às antigas legislações penais alemãs¹².

⁹ *GM*, Prólogo, § 3.

¹⁰ *GM*, Prólogo, § 7.

¹¹ *GM*, Prólogo, § 7.

¹² *GM*, II, § 3.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

Apesar de suas interpretações das fontes histórico-documentais serem inovadoras, não é aí que se revela toda a originalidade de Nietzsche. Esta aparece mais claramente no uso das fontes etimológico-documentais, com as quais Nietzsche promove o deslocamento de uma metodologia até então exclusiva da filologia para a história e para a filosofia. É o que se deixa entrever na metáfora da história como a “escrita hieroglífica do passado”. É preciso ler a história, interpretá-la. Toda a Primeira Dissertação é um exercício de filologia em que expedientes da etimologia e da etimologia comparada vão sendo trabalhados até a exaustão. Basta que se diga que muitos dos argumentos levantados na *Genealogia da moral* têm por base esse trabalho filológico.

Por exemplo, a hipótese nietzschiana de uma dupla origem da moral só é possível se consideramos etimologicamente as palavras que nomearam certos valores. O par de valores *gut und schlecht* engendra uma valoração típica do mundo, sobre a qual se funda a moral dos senhores; o par de valores oposto a este, *gut und böse*, engendra outra valoração do mundo que, por sua vez, fundará a moral dos escravos¹³. Outro exemplo da importância das fontes etimológico-documentais para a genealogia é o modo como Nietzsche descortina sob a atual noção de pecado, a noção de culpa e sob esta a noção material de dívida¹⁴.

O que Nietzsche faz com isso é abrir uma nova senda para a investigação histórica da moral, colocando a linguagem no centro das preocupações. Na nota conclusiva à Primeira Dissertação, Nietzsche coloca uma questão que serviu de orientação para variadas reflexões contemporâneas acerca da moral: “*Que indicações fornece a ciência da linguagem, em especial a pesquisa etimológica, para a história da evolução dos conceitos morais?*”. Essa questão central para uma genealogia da moral informa um dos critérios de rigor do método genealógico, que responde por parte de sua efetividade, a saber, o embasamento lingüístico, especificamente etimológico, das interpretações. Com isso, a genealogia revela-se, além de mera metodologia histórica, como uma teoria da interpretação, como uma hermenêutica.

A interdisciplinaridade é outra garantia de efetividade. Na mencionada nota à Primeira Dissertação, Nietzsche propõe uma nova hierarquização das ciências em torno da filosofia, na qual disciplinas como a história e a filologia, a fisiologia e a medicina, a psicologia e a etnologia ao mesmo tempo em que fornecem material para reflexões filosóficas, devem se

¹³ *GM*, I §§ 2, 4, 7, 10, 11.

¹⁴ *GM*, II, § 4. É útil lembrar que em alemão esta derivação é muito mais evidente, pois no contemporâneo *Hochdeutsch* a palavra *Schuld* tem o significado tanto de dívida, em sentido econômico, quanto de culpa em sentido moral.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

balizar através das indicações fornecidas pela filosofia que, por sua vez, é a disciplina que se põe o *problema do valor* e determina a *hierarquia dos valores*. A genealogia é, portanto, produto de um corte transversal em que são consideradas contribuições de diferentes disciplinas, com o que a metodologia histórica se abre a métodos e técnicas oriundos de ciências diversas e nessa medida constrói seu rigor, sua efetividade. Não há, portanto, na *Genealogia da moral* uma oposição radical em relação à ciência. O que há é uma recolocação das ciências, que passam a ser concebidas como auxiliares da filosofia.

Ainda no que toca ao cinza da genealogia surge o problema da origem¹⁵. Genealogia em sentido corrente é o estudo da filiação de idéias¹⁶, é, portanto, um retorno à origem. Porém, Nietzsche busca a origem *no* mundo e não *por trás dele*¹⁷, no além. Compreende-se, assim, a origem como um nascimento, como um começo, ao contrário do que fez a tradição metafísica que concebeu a origem como uma essência, como a verdade da coisa. Diz Foucault,

se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que é que ele aprende? Que atrás das coisas há 'algo inteiramente diferente': não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo de que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas.¹⁸

Aqui tem lugar a crítica nietzschiana do teleologismo. Uma das principais premissas da genealogia é que nela não mais se confundem origem e finalidade. Durante bastante tempo, a história operou com base na idéia de que conhecendo a finalidade de uma coisa se conheceria, ato contínuo, sua origem. Esse seria o conceito de causa final, que ligaria a finalidade à origem e com isso revelaria a verdade da coisa. Ocorre que, para Nietzsche,

a causa da gênese de uma coisa e sua utilidade final, a sua efetiva utilização e inserção em um sistema de finalidades, diferem *toto coelo* [totalmente] (...) algo existente, que de algum modo chegou a se realizar, é sempre reinterpretado para novos fins, requisitado de uma maneira nova, transformado e redirecionado para uma nova utilidade, por um poder que lhe é superior (...) todo acontecimento do mundo orgânico é um *subjulgar* e *assenhorear-se*, e todo subjugar e assenhorear-se é uma nova interpretação, um ajuste, no qual o 'sentido' e a 'finalidade' anteriores são necessariamente obscurecidos ou obliterados¹⁹.

¹⁵ GM, I, § 1.

¹⁶ Cf. JAPIASSÚ, H., MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 3.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 115.

¹⁷ GM, Prólogo, § 3.

¹⁸ FOUCAULT, M. "Nietzsche, a genealogia e a história". In: *Microfísica do poder*. Org. e trad. R. Machado.

15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000^a, p. 18.

¹⁹ GM, II, § 12.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

O teleologismo estaria inabilitado a compreender a história de qualquer coisa porque a história de uma coisa é um processo em que esta se submete a sucessivas transformações e redirecionamentos, o que implica em constantes interpretações e reinterpretções de seu sentido. O desenvolvimento histórico de algo não é seu crescimento tranquilo e pacífico, mas um processo violento de subjugação e assenhoreamento. O fim não está desde sempre presente na origem. As coisas não caminham de modo espontâneo e calmo da origem ao fim. Todo o processo é uma guerra e o fim só é atingido se a coisa sobrevive à luta. Isso leva Nietzsche a concluir que

o ‘desenvolvimento’ de uma coisa, um uso, um órgão, é tudo menos o seu *progressus* em direção a uma meta, menos ainda um *progressus* lógico e rápido, obtido com um dispêndio mínimo de forças – mas sim a sucessão de processos de subjugamento que nela ocorrem mais ou menos interdependentes, juntamente com as resistências que a cada vez encontram, as metamorfoses tentadas com o fim de defesa e reação, e também os resultados de ações contrárias bem-sucedidas. Se a forma é fluida, o ‘sentido’ é mais ainda²⁰.

Na base da crítica ao teleologismo, está a crítica ao conceito moderno de progresso. Nietzsche chega neste ponto a propor como medida do progresso “a humanidade enquanto massa sacrificada ao florescimento de uma *mais forte* espécie de homem”²¹. Em contraposição ao senso moderno, que busca em todo caso uma felicidade mediocrizante identificada com o bem-estar geral, a medida do progresso seria a grandeza da massa que teve de ser sacrificada em seu nome. A mesma modernidade que compreende a si mesma como progresso, é tratada por Nietzsche como decadência. A história entendida como racionalização do mundo caminha não no sentido ascendente, mas no declinante.

A história é um formar e reformar, modelar e remodelar, de modo que a forma originária não se mantém até o fim. A forma é, portanto, fluida. O mesmo ocorre com o sentido: também ele é fluido. A idéia da fluidez do sentido possibilita a reintrodução do devir na história que se desvencilha então de suas bases metafísicas, tornando-se uma história efetiva²². Nietzsche chega a este resultado porque parte de uma história que considera “a teoria de uma *vontade de poder* operante em todo acontecer”²³, ou seja, uma teoria das forças que compreende que todo nascimento, todo começo, toda entrada em cena de uma força é seu momento de maior fragilidade e mais sujeito à interferência de outras forças já constituídas.

²⁰ GM, II, § 12.

²¹ GM, II, § 12.

²² FOUCAULT, M. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: *Microfísica do poder*. Org. e trad. R. Machado. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000^a, p. 27.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

Aquilo que dá seus primeiros passos, engatinha, cambaleia²⁴ e, portanto, ou é aniquilado por uma ação contrária, ou tem sua direção mudada, seu sentido reinterpretado e assim sucessivamente até que se estabilize em direção a um fim, quando já se encontre suficientemente fortalecida para determinar a própria direção e, conseqüentemente, alterar o sentido de outras forças menos intensas. Não há como encontrar na origem de uma coisa sua finalidade, assim como olhando para o fim de uma coisa nada se vê de sua origem.

A partir da crítica à teleologia na história, poderia ser levantada a hipótese de que Nietzsche nega toda idéia de sentido histórico, formulando um niilismo histórico oposto por princípio a toda concepção de filosofia da história. Mas não se trata disso. A história niilista, como já vimos, é marcada por uma vontade de nada, por um ascetismo ao qual precisamente Nietzsche quer se opor. O sentido histórico é reabilitado na genealogia, é libertado da “história supra-histórica”²⁵ pela referência à teoria da vontade de poder. Não se concebe o sentido como o desdobramento de uma essência, de uma verdade original, mas em sua fluidez radical, como devir. Há, ainda aí, um sentido como é evidente, mas este é múltiplo, é pluralidade, é uma multidão de sentidos²⁶.

4. A crueldade como princípio genealógico

No *Ecce homo*, em um comentário à *Genealogia da moral*, Nietzsche afirma: “a crueldade aparece aqui pela primeira vez como um dos mais antigos e necessários fundamentos da civilização”²⁷. A observação ajuda a ter presente que a crueldade é um dos temas privilegiados de Nietzsche e, particularmente, da *Genealogia da moral*. Ocorre que tratar desse tema é uma das tarefas mais intrincadas dentro do trabalho de interpretação de Nietzsche. O termo crueldade (*Grausamkeit*) deve vir sempre acompanhado de esclarecimentos que permitam discernir minimamente o que se quer com ele dizer.

²³ *GM*, II, § 12.

²⁴ A própria filosofia é interpretada por Nietzsche sob essa perspectiva na *Genealogia da moral*, III, § 9: “Pode-se dizer que apenas nas *andadeiras* desse ideal [ascético] a filosofia aprendeu a dar seus primeiros passinhos sobre a terra – ah, ainda tão desajeitada, de carinha tão aborrecida, tão pronta a cair e ficar deitada sobre o ventre, essa coisinha tímida e mimosa de pernas tortas”. A mesma idéia encontra-se em *A filosofia na época trágica dos gregos*, § 1.

²⁵ FOUCAULT, M. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: *Microfísica do poder*. Org. e trad. R. Machado. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000a, p. 33.

²⁶ O castigo é o caso mais explícito desse sentido multidão, como dá a entender o extenso rol meramente exemplificativo de sentidos do castigo do § 13, da Segunda Dissertação.

²⁷ *EH*, III, “Genealogia da moral”.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

À primeira vista, seria completamente descabido falar de crueldade em filosofia. Porém, é preciso ter o cuidado de não assumir uma posição preconceituosa, temerosa e assustada que desqualifica, de antemão, a reflexão sobre o assunto, por considerá-lo um desvario ou uma teratologia do pensamento. Por outro lado, há que se cuidar para não cair na posição inversa, em um preconceito a favor, que pretenderia advogar toda e qualquer idéia de Nietzsche simplesmente por ser uma idéia de Nietzsche. Aos que sofrem da primeira espécie de preconceito, o preconceito contra, diria que um mínimo de curiosidade filosófica e de controle das próprias paixões seria recomendável no confronto com Nietzsche, como no mais é recomendável no que diz respeito à atividade investigativa em geral. Aos que padecem do preconceito a favor (esses mais difíceis de serem tratados), que assumem o patrocínio da defesa incondicional de Nietzsche, essa espécie de corporativistas, esse apostolado, que, no limite, almejaria a fundação de um partido nietzschiano, a eles eu apontaria o seguinte trecho de uma carta de julho de 1888: “absolutamente não é preciso, nem ao menos desejado, tomar partido em meu favor: ao contrário, uma dose de curiosidade, como diante de uma excrescência estranha, com uma resistência irônica, me pareceria uma postura incomparavelmente mais inteligente”²⁸. Curiosidade e resistência são afetos aos quais tem de se acostumar todo leitor de Nietzsche que tenha mais sensibilidade do que uma pedra. Quanto à crueldade, esta estranha excrescência, é bom saber que, no que diz respeito a ela, a curiosidade e a resistência são ainda mais aguçadas que de costume²⁹. Tratar da crueldade é repugnante, atemorizante, difícil, doloroso. Mas é fascinante, e isso já diz muito acerca da própria crueldade. Se não, vejamos.

Se retomarmos a mencionada sugestão de Nietzsche no *Ecce homo* e procurarmos compreender a crueldade a partir da *Genealogia da moral*, veremos que, de fato, ela pode ser pensada como um princípio genealógico, tanto do ponto de vista metodológico quanto do de uma filosofia da história. No § 11, da Primeira Dissertação, ele afirma que “o *sentido de toda cultura* é amestrar o animal de rapina ‘homem’, reduzi-lo a um animal manso e civilizado, *doméstico*”. O problema do sentido na história é aqui não só colocado como definido. Desde o olhar genealógico, a história do homem se apresenta como o processo de civilização entendida como domesticação do homem animal de rapina. Domar o bicho-homem é a grande

²⁸ Carta de Nietzsche a Carl Fuchs, de 29 de julho de 1888 (*apud* SAFRANSKI, R. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. Trad. L. L. Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 5).

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

tarefa que realizou a história. Ocorre que tal processo não se deu de modo simples, natural ou pacífico. Como toda domesticação de animais selvagens, amansar o homem somente foi possível a custa de uma série de imposições e violências que se foram tornando cada vez mais elaboradas e mais complexas, de modo a responder às resistências apresentadas. Docilizar o homem é um processo análogo ao de dar forma a uma matéria amorfa³⁰. Para tal é imprescindível não só um martelo, mas ainda um cinzel que fira a dura rocha e a vá aos poucos formando, reformando, conformando. O martelo, que serve para demolir, também é usado para esculpir, e nesse sentido é uma metáfora da crueldade. Se a história é o processo de domesticação do animal homem, nela a crueldade atua de modo constante como aquilo que foi necessário para que o homem se tornasse homem. Por isso, ela é um dos mais antigos fundamentos da civilização. Pode-se, assim, afirmar, como fez Lins, que a história da cultura, isto é, a história pela qual o homem constrói a partir de si e para si o mundo como cultura, é a história da crueldade³¹.

A crueldade perpassa como uma constante toda a história, de modo que ela própria é crueldade. Com isso, já não se pode conceber a crueldade como característica exclusiva de um passado bárbaro e remoto definitivamente superado com o advento da civilização. Barbárie e civilização não se opõem, conforme pensou a tradição, como contrários absolutos. O que existe uma é uma relação de continuidade entre barbárie e civilização, na medida em que há sempre algo de civilizado na barbárie, assim como há algo de bárbaro em toda civilização. Se a história da cultura é a história da crueldade, isso não significa que não haja mudanças históricas, pois a crueldade do passado não é idêntica à do presente. Há um processo de transformação e de ressignificação da crueldade ao longo da história. Esse processo pode ser apreendido com a introdução das noções de refinamento e de gradação da crueldade.

No § 6 da Segunda Dissertação, Nietzsche fala na “crescente espiritualização e ‘divinização’ da crueldade, que atravessa toda a história da cultura superior (e até mesmo a constitui, num sentido significativo)”. Espiritualização (*Vergeistigung*) e divinização (*Vergöttlichung*) são sinônimos de refinamento (*Verfeinerung*), bem como sublimação

²⁹ Como se posicionar diante de um autor que afirma, por exemplo, que “ver-sofrer faz bem, fazer-sofrer mais bem ainda” (*GM*, II, § 6), ou que fala, em todo caso sem tom de condenação, da “volúpia de *faire le mal pour le plaisir de le faire*”, do “prazer de ultrajar” (*GM*, II, § 5)? Certamente, não de modo indiferente.

³⁰ O castigo tem um papel fundamental nesse processo de domesticação, de formação do homem. Retornarei ao tema mais à frente.

³¹ LINS, D. A história da cultura é a história da crueldade. In: FEITOSA, C. *et al.* (Orgs.). *A fidelidade à terra: arte, natureza e política. Assim falou Nietzsche IV*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p 305.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

(*Sublimierung*), sutilização (*Subtilisierung*) e suavização (*Milderung*)³². Grosso modo, todos esses termos se referem à idéia de refinamento da crueldade que possibilita discernir entre as diferentes formas pelas quais a crueldade se apresentou na história. Assim, para Nietzsche, a crueldade se refinou ao longo do tempo. Ou seja, se nos primórdios ela se apresentou de modo tosco, bruto, grosseiro, como violência física ou corporal, paulatinamente foi assumido formas mais brandas, moderadas, suaves, com o que se tornou uma espécie de violência espiritual³³. Mas é que preciso que se observe que o processo histórico do refinamento não significa uma gradual eliminação da crueldade. É certo que há crueldade nas eras primevas, e quanto a isso a tradição em geral não levanta maiores objeções, mas há crueldade ainda nos dias de hoje. Nesse sentido, indaga Nietzsche: “não poderíamos acrescentar que no fundo esse mundo jamais perdeu inteiramente um certo odor de sangue e tortura? (Nem mesmo no velho Kant: o imperativo categórico cheira a crueldade...)”³⁴. A cultura superior, a civilização moderna se distingue da barbárie por apresentar, em relação a esta, um maior grau de refinamento. Mas ambas são cruéis, na medida em que se constituíram a partir de um mesmo substrato: a crueldade³⁵.

A diferença entre os estágios de refinamento da crueldade é melhor compreendida a partir da noção de gradação ou de gradiente de crueldade. Ao longo da história, estabeleceram-se graus distintos de refinamento da crueldade, de modo que Nietzsche chega a conceber, em *Aurora*, § 113, uma escala de refinamento, que tem no degrau mais baixo o bárbaro e no extremo mais alto o asceta³⁶. A idéia de gradação se opõe à de contraditoriedade. Diferentes graus se relacionam entre si de um modo tal que uns não negam os outros. Há entre os graus uma relação de coexistência e não de exclusão. Os contraditórios, por outro lado, opõem-se de maneira absoluta, de modo que sendo um, o outro necessariamente deixa de ser,

³² Como bem notou Lins, que ainda deu-se ao trabalho de mapear abreviadamente o uso de algumas dessas expressões na obra nietzschiana, “os termos de sublimação e de refinamento (*Verfeinerung*), outro sinônimo [de espiritualização (*Vergeistigung*)], são utilizados por Nietzsche sistematicamente até *A gaia ciência*, o de espiritualização, mais tardio, é freqüentemente reduplicado por ‘deificação’, *Vergöttlichung*. Ver: *O crepúsculo dos ídolos*, § 1 (2000), *Genealogia da moral*, II, § 6 (1980), ou *Além do bem e do mal*, § 229 (1998)” (2002: 311). Na *Genealogia da moral*, esses termos aparecem, pela ordem em que foram enumerados acima, nos seguintes trechos: II, §§ 6, 4, 7 e 10.

³³ Considerando a má consciência como característica primordial do cristianismo e, por assim dizer, da modernidade, Nietzsche chega a distinguir a *bestialidade na ação*, própria da barbárie, da *bestialidade da idéia*, que diz respeito à civilização (*GM*, II, § 22).

³⁴ *GM*, II, § 6.

³⁵ Nesse sentido, “mais que a história da crueldade, a história da cultura é a da espiritualização da crueldade”. LINS, D. A história da cultura é a história da crueldade. In: FEITOSA, C. et al. (Orgs.). *A fidelidade à terra: arte, natureza e política*. Assim falou Nietzsche IV. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 312.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

é excluído. Assumindo a idéia nietzschiana de gradação, conclui-se, por exemplo, que se barbárie e civilização são graus distintos de refinamento da crueldade, elas não se contradizem, não se excluem, mas coexistem. Desse modo, torna-se possível pensar o que há de civilizado na barbárie e o que há de bárbaro na civilização³⁷.

É preciso ainda, no contexto das noções de refinamento e de gradação da crueldade, introduzir a idéia de potencialização. O processo gradual de refinamento da crueldade não significa sua eliminação, nem tampouco sua diminuição com o passar do tempo. Conforme Nietzsche escreve:

Costuma-se dizer de tais épocas de corrupção, talvez para compensar o *reproche* de supertição e relaxamento, que elas são mais brandas e que nelas a crueldade arrefece muito, em comparação ao tempo antigo, mais crédulo e mais forte. Mas não posso aprovar esse elogio, e tampouco aquela censura: concedo apenas que a crueldade se torna refinada, e que suas formas mais antigas ofendem o gosto; mas os ferimentos e tormentos com o olhar e a palavra atingem a sua máxima evolução em tempos corrompidos – somente então nasce a *malícia* e o prazer na malícia. Os homens das épocas de corrupção são espirituosos e caluniadores; eles sabem que há outras espécies de assassinio, além do punhal e do golpe de mão – eles sabem, igualmente, que tudo o que é *bem dito* é acreditado³⁸.

Infere-se daí que, ao refinar-se, a crueldade assume sempre novas formas, mais elaboradas e moderadas, porém não é minorada nem, muito menos, negada. Ela é otimizada, maximizada, melhor aproveitada, enfim, potencializada com o refinamento.

No que diz respeito a essa potencialização é útil distinguir dois aspectos: a intensidade e a duração da força na crueldade. Uma força pode ser muito intensa se efetiva-se por completo de uma só vez, esgotando-se naquele momento, ou pode efetivar-se aos poucos, de modo a exercer-se por uma maior duração, por um lapso temporal mais extenso. Desse modo, é possível afirmar que a crueldade pode se efetivar com maior intensidade, se a força é toda desencadeada instantaneamente, ou com maior duração, se a força é aplicada paulatinamente. O refinamento da crueldade é precisamente o processo pelo qual ela torna-se de mais intensa e

³⁶ Na *Genealogia da moral*, o bárbaro é definido como aquele que exterioriza completamente sua crueldade, enquanto o asceta, o homem da má consciência, é aquele que volta contra si toda a sua crueldade (II, § 22).

³⁷ Segundo Lins, “Nietzsche, a partir do conceito de *Verfeinerung* (refinamento), supera a dualidade, notadamente sob a forma moral: ‘(...) Desde que há refinamento [*Verfeinerung*], o grau anterior se ressent não mais como grau, mas como seu contrário. É *mais fácil* pensar os contrários que os graus’ (Fragmentos póstumos, 11, 1982)” Cf. LINS, D. A história da cultura é a história da crueldade. In: FEITOSA, C. *et al.* (Orgs.). *A fidelidade à terra: arte, natureza e política*. Assim falou Nietzsche IV. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 312. Acrescentaria apenas que Nietzsche, que jamais buscou a saída mais fácil, opta precisamente por pensar os graus.

³⁸ GC, I, § 23.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

grosseira em mais duradoura e sutil. Com isso, ela é, não arrefecida, mas potencializada. Assim, uma crueldade mais refinada é, ao mesmo tempo, mais potente.

Acompanhada das noções de refinamento, gradação e potencialização, a crueldade surge como um princípio genealógico tanto no que diz respeito à metodologia quanto no que concerne à filosofia da história. Pensada em sua referência à vontade de poder, a crueldade fornece um viés metodológico com base no qual se descortina a história que a genealogia se encarrega de contar. A genealogia mostra como os movimentos históricos se dão na direção do menos para o mais refinado. Se a genealogia é o conhecimento das condições de nascimento, desenvolvimento e modificação dos valores, ela o é na medida em que é a reconstituição do processo pelo qual um valor se transforma de mais tosco em mais sutil. O próprio desenvolvimento da linguagem, entendida como expressão da crueldade, seja em seu aprendizado, seja em seu domínio e uso, não é outra coisa senão um refinamento³⁹. Nem é preciso lembrar aqui que a análise da linguagem está na base de muitas das teses da genealogia.

Porém, o mais fascinante na crueldade, tal como ela é reinventada por Nietzsche, talvez seja o fato de que ela é humana, demasiado humana. A crueldade fora sempre dita na segunda pessoa: “vós sois cruéis!” disseram os cristãos aos pagãos, os civilizados aos bárbaros, os modernos aos antigos. Em Nietzsche, ela é dita na primeira pessoa: “nós somos cruéis!”. Eis o absurdo, o inaceitável, o insuportável, o sincero⁴⁰. Com isso, é certo, crudeliza-se o homem, mas não sem concomitantemente humanizar-se a crueldade.

5. Genealogia e filosofia da história

A genealogia é uma filosofia da história. Por esta hipótese entende-se que ela admite que há na história um sentido, por certo não o mesmo da tradição, mas que é ainda assim um sentido, uma direção. Com isso, pretende-se dar conta da relação entre o problema do sentido na história, que é central em Nietzsche, e sua concepção de genealogia. Negar à história todo e qualquer sentido é assumir um niilismo, isto é, propor o sentido como o não sentido, o nada

³⁹ A etimologia de Nietzsche revela uma relação entre o refinamento dos valores e o das palavras que os nomeiam. Daí porque ele pode perceber que “os conceitos da humanidade antiga foram inicialmente compreendidos, numa medida para nós impensável, de modo grosseiro, tosco, improfundo, estreito e francamente *assimbólico*” (*GM*, I, § 6).

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

de sentido que, no fundo, é produto de uma vontade de nada, a qual é precisamente aquilo a que Nietzsche pretende se opor⁴¹. Mas ele também não assume a tese tradicional do otimismo, que se crê no melhor dos mundos possíveis e que justifica todo sofrimento e toda catástrofe histórica como um passo necessário na evolução do gênero humano. Em Nietzsche a história é decadência, mas ela esconde um desfecho trágico e pode assim ser dita uma história trágica.

Até o presente momento, procurei tratar explicitamente da genealogia enquanto método, sentido no qual ela se insere no plano ao mesmo tempo epistemológico e ontológico da hermenêutica em Nietzsche. Tais considerações pressupõem de modo mais ou menos implícito uma filosofia da história. Os dois aspectos da genealogia aqui localizados, o metodológico e o propriamente filosófico, não se apartam, pelo contrário, eles se complementam, de modo que se pode falar em uma circularidade. Enquanto metodologia, a genealogia fornece princípios, métodos, técnicas e outros artifícios de interpretação que a habilitam como uma história efetiva (*wirklich Historie*). Essa efetividade, entretanto, só pode ser garantida, em última instância, pela própria história enquanto como vontade de poder. Caso se prefira dizer que a genealogia não é uma filosofia da história, é preciso admitir que a partir do olhar genealógico uma história ainda não contada se descortina a nossa frente. E essa história narrada genealógicamente apresenta-se não um sentido, um fim último, ao menos uma direção em suas múltiplas possibilidades de articulação e rearticulação. A história que é assim narrada é a história da vontade de poder, é a própria vontade de poder como história. A relação entre um aspecto e o outro é circular, pois se o método é sem dúvida pressuposto fundamental para o resultado a que se chega, isto é, a vontade de poder como história, este resultado já era de certa forma esperado na elaboração do método, uma vez que só a partir da consideração do mundo como vontade de poder, da perspectiva crítica que esta consideração representa, é que se poderia chegar ao método genealógico.

É curioso notar que Nietzsche apesar de falar na efetividade, na “coisa documentada” característica da genealogia, numa determinada altura apresenta uma de suas teses sobre o passado moral como “suposição”. Ao tratar da equivalência entre dano e dor e do castigo como festa, aspectos que serão abordados mais à frente, ele afirma que “isto eu ofereço como

⁴⁰ Diz Nietzsche, em *Além do bem e do mal*, § 230: “Realmente, seria mais simpático se, em vez de crueldade, nos acusassem, nos atribuísem, em voz baixa e elogiosamente, uma ‘honestidade excessiva’ – a nós, espíritos livres, muito livres”.

⁴¹ Sua oposição ao niilismo chega a uma forma aforismática na enigmática sentença com que ele abre e fecha a Terceira Dissertação da *Genealogia da moral*: “o homem preferirá ainda *querer o nada a nada querer...*” (III, §§ 1 e 28), isto é, o homem prefere uma vontade de nada a um nada de vontade.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

uma suposição⁴²: pois é difícil sondar o fundo dessas coisas subterrâneas, além de ser doloroso”⁴³. A genealogia, portanto, trabalha também com suposições, hipóteses, interpretações. Isso remete, imediatamente, ao uso de hipóteses histórico-filosóficas no contratualismo, com as quais se pretendia falar das origens do homem, do estado de natureza que antecedeu à sociedade, porém de um modo que prescindia de provas arqueológicas, uma vez que se tratava precisamente de hipóteses histórico-filosóficas. O uso deste artifício é característico das concepções de filosofia da história de, para citar apenas dois nomes, Hobbes e Rousseau. Tais hipóteses interditavam de antemão contraprovas empíricas, uma vez que a reflexão se desenvolvia num plano especificamente filosófico. Se as suposições de Nietzsche acerca das eras primordiais da humanidade podem ser pensadas de modo análogo às hipóteses contratualistas, isto não fica claro com a leitura da *Genealogia da moral*. Em todo caso, tais suposições são certamente características de sua filosofia da história. Com efeito, Nietzsche não chega a elaborar uma teoria do estado de natureza. É certo, porém, que ele fala em uma era pré-história, a fase mais longa e determinante da história humana. Em que sentido esta “pré-história” pode ser entendida?

Uma das particularidades da filosofia da história nietzschiana é sua peculiar periodização da história. Propor uma periodização da história é sempre, em última instância, estabelecer um diálogo com Hesíodo e render-lhe uma homenagem. Em *Os trabalhos e os dias*, o poeta grego concebe o mito das Idades, pelo qual ter-se-iam sucedido as eras de ouro, de prata, de bronze, dos heróis e, finalmente, de ferro. Segundo Junito de Souza Brandão,

“no mito das Idades, as raças parecem suceder-se segundo uma ordem de decadência progressiva e regular. De início, a humanidade gozava de uma vida paradisíaca, muito próxima da dos deuses, mas foi degenerando e decaindo até atingir a idade de ferro, em que o poeta lamenta viver, pois nesta tudo é maldade”⁴⁴.

A idéia de uma decadência histórica é garantida aí pela ordem hierarquicamente descendente com que se sucedem os metais que representam as idades. Mas o curioso, como apontou Brandão, é o fato de que “em lugar das quatro idades, cujo valor se afere pelos metais que lhe emprestam o nome, Hesíodo tenha intercalado entre as duas últimas mais uma: a

⁴² A expressão exata é “*vermuthungsweise gesprochen*”. *Vermuthungsweise*, no caso, é um advérbio composto pela aglutinação de dois substantivos, *Vermutung* (suposição, conjectura) e *Weise* (maneira, modo). Ao pé da letra, a expressão, vertida para o português, seria “supostamente falando”.

⁴³ *GM*, II, § 6.

⁴⁴ BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega* Vol. I. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 169.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

idade dos heróis, que não possui correspondente metálico algum”⁴⁵. Nietzsche, que concederia à Hesíodo a idéia de que a história é decadência, percebeu a introdução da idade dos heróis entre as eras de metal como um embaraço: “com a contradição que lhe [a Hesíodo] oferecia o mundo de Homero, esplêndido, mas também terrível e violento, ele não soube lidar senão dividindo uma era em duas, e tornando-as sucessivas”⁴⁶. Não seria de todo descabido, portanto, considerar que Nietzsche elabora sua periodização da história em polêmica com Hesíodo e como uma tentativa de dar conta, precisamente, do cruel mundo homérico⁴⁷.

A periodização que Nietzsche propõe na *Genealogia da moral* começa a tomar contornos melhor delineados a partir do § 2 da Segunda Dissertação. Ao tratar do problema da origem da responsabilidade, Nietzsche opõe como dois extremos o homem animal irresponsável ao “*indivíduo soberano*”, o “homem da vontade própria”, responsável, em que a consciência é consciência de si como homem “livre”. Dessa oposição, pode-se inferir que os pontos extremos da periodização de Nietzsche seriam uma remota pré-história pré-moral em que teria vivido o homem animal de rapina, o bárbaro, e uma pós-história supra-moral ou extra-moral ainda por vir, que seria o mundo do além-do-homem, o indivíduo soberano. A história propriamente dita, portanto, desenvolver-se-ia entre esses dois extremos como um período essencialmente moral, e nesse sentido decadente, a ser superado. O personagem da história, o homem da tradição, seria precisamente o sujeito moral, constituído a partir de e em oposição ao animal homem, como um refinamento deste. O nascimento deste homem teria acontecido na antiguidade, fundamentalmente com Sócrates, e ter-se-ia desenvolvido até a modernidade, onde surgem as condições para a sua superação.

Porém, outra periodização, que prescindir da noção de pós-história, encontra-se de modo disperso na *Genealogia da moral*. No § 19 da Segunda Dissertação, fala-se precisamente em uma “era pré-histórica” e em uma “era intermediária”, partir do que se poderia sugerir, ainda, em face de o mesmo trecho mencionar os “homens modernos”, uma “era moderna”. Esses períodos da história fazem parte do conjunto dos temas mais recorrentes em Nietzsche. Ao longo de toda a sua obra, ele desenvolve acerca dessas fases análises minuciosamente pormenorizadas, daí a dificuldade em se caracterizar rigorosamente cada

⁴⁵ BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega* Vol. I. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 169.

⁴⁶ *GM*, I, § 11.

⁴⁷ É digno de nota o fato de que nesta passagem (*GM*, I, § 11) Nietzsche parece ter-se esquecido da quinta era de Hesíodo, a idade de ferro. Daí ele compreender que em Hesíodo haveria uma reduplicação da idade de bronze, que teria se dividido em duas sucessivas, a “idade dos heróis e semideuses de Tróia e Tebas”, seguida da “idade de bronze” propriamente dita.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

“era”. Entretanto, é possível chegar uma visão geral do assunto identificando sucintamente o “personagem” central de cada uma delas.

Assim, a “era pré-histórica” é o mundo do “homem animal de rapina”, da “besta louca”, do “bicho-homem”, do bárbaro. Deixemos a palavra ao Nietzsche de uma das passagens mais polêmicas e mais famosas da *Genealogia da moral*:

Na raiz de todas as raças nobres é difícil não reconhecer o animal de rapina, a magnífica *besta louca* que vagueia ávida de espólios e vitórias; de quando em quando este cerne oculto necessita desafogo, o animal tem que sair fora, tem que voltar à selva – nobreza romana, árabe, germânica⁴⁸, japonesa, heróis homéricos, vikings escandinavos: nesta necessidade todos se assemelham. Foram as raças nobres que deixaram na sua esteira a noção de ‘bárbaro’, em toda parte onde foram; mesmo em sua cultura mais elevada se revela consciência e até mesmo orgulho disso⁴⁹.

Esta bárbara pré-história é caracterizada, ainda, como a “mais longa e antiga história do homem”⁵⁰. A pré-história seria a época dos

imensos períodos de ‘moralidade dos costumes’, que precederam a ‘história universal’ como a verdadeira e decisiva história que determinou o caráter da humanidade: quando o sofrimento, a crueldade, a dissimulação, a vingança, o repúdio à verdade eram virtudes, enquanto o bem-estar, a sede de saber, a paz, a compaixão eram perigo⁵¹.

Em face de seu caráter “determinante”, a pré-história é, para Nietzsche, aquela que fornece a “medida”, estando sempre presente ou em vias de retornar⁵².

Superada a pré-história, ter-se-ia iniciado uma “era intermediária, quando se formam as estirpes nobres”⁵³. O homem desta época é já um refinamento, um avanço em relação ao mais primitivo bárbaro. A idéia é que neste período surge uma nobreza guerreira que criou uma moral de senhores afirmativa de si⁵⁴ e a partir daí uma espécie de religiosidade. Porém este homem, o nobre, o guerreiro, ainda não se apresenta tão espiritualizado quanto aquele que o sucederia.

A era intermediária intermedeia precisamente a passagem da pré-história ao que chamaríamos de era moderna. O característico do período intermediário é o engendramento de

⁴⁸ No que diz respeito ao elogio da “besta louca germânica” é útil que se mencione os seguintes parênteses: “(embora mal exista uma relação conceitual, menos ainda sanguínea, entre os germanos e nós, alemães)”. *GM*, I, § 11.

⁴⁹ *GM*, I, § 11.

⁵⁰ *GM*, II, §§ 2, 3, 6, 14.

⁵¹ *GM*, III, § 9.

⁵² *GM*, II, § 9.

⁵³ *GM*, II, § 19.

⁵⁴ *GM*, § 10.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

uma moral afirmativa, ativa. “Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, escreve Nietzsche, já de início a moral escrava diz Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’ – e *este* Não é seu ato criador”⁵⁵. Portanto, a era moderna teria começado a se formar já na antigüidade, com o surgimento da moral de escravos, e assumiria seus lineamentos definitivos na modernidade. O homem da era moderna seria um refinamento do nobre guerreiro, mas este seria um refinamento doente, pois moderno é o homem do ressentimento⁵⁶, o homem da má consciência⁵⁷ e, nesse sentido, o homem decadente.

A história, que se realiza como uma passagem da pré-história bárbara à civilizada modernidade é, precisamente, um processo civilizatório. Nietzsche entende este processo no seu conjunto como declinante, ou seja, não como progresso, mas como decadência. É de se notar que as transformações da história se realizam conforme a lógica de um refinamento. A distinção entre as diversas eras corresponde à diferença de graus de refinamento. Porém, refinamento não é aqui uma categoria abstrata, uma vez que, como foi visto, é fundamentalmente refinamento da crueldade.

Foucault foi capaz de entender precisamente aquilo que seria o cerne da filosofia da história de Nietzsche, da genealogia: o refinamento da crueldade. Disse ele conclusivamente: “A humanidade não progride lentamente, de combate em combate, até uma reciprocidade universal, em que as regras substituiriam para sempre a guerra; ela instala cada uma de suas violências em um sistema de regras, e prossegue assim de dominação em dominação”⁵⁸. Os homens não caminham da barbárie à civilização. Eles instalam cada uma de suas barbáries em cada uma de suas formas de civilização.

Há um elemento que se mantém como uma constante e como constituinte da história humana: a crueldade. Escreve Nietzsche,

Falar de justo e injusto *em si* carece de qualquer sentido; *em si*, ofender, violentar, explorar, destruir não pode naturalmente ser algo ‘injusto’, na medida em que *essencialmente*, isto é, em suas funções básicas, a vida atua ofendendo, violentando, explorando, destruindo, não podendo sequer ser concebida sem esse caráter. (...) Uma ordem de direito concebida como geral e soberana, não como meio na luta entre complexos de poder, mas como meio *contra* toda luta (...), seria um princípio *hostil à vida*, uma ordem

⁵⁵ GM, I, § 10.

⁵⁶ GM, I § 10.

⁵⁷ GM, II, § 22.

⁵⁸ FOUCAULT, M. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: *Microfísica do poder*. Org. e trad. R. Machado. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000a, p. 25.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

destruidora e desagregadora do homem, um atentado ao futuro do homem, um sinal de cansaço, um sinuoso caminho para o nada⁵⁹.

Exploração seria aí outro nome para crueldade e seria entendida, precisamente, como o caráter essencial da vida.

Porém, afirmar a exploração como essência da vida não é uma justificativa para negá-la, advogando um niilismo. É preciso ainda assim afirmá-la. Há que se lembrar aqui o lugar estratégico que a genealogia ocupa no projeto filosófico nietzschiano: a genealogia é a propedêutica de uma total transvaloração dos valores, é uma avaliação pressuposta à revalorização. Dessa maneira, ela surge como uma premissa fundamental de um tragicismo filosófico, do Sim trágico ao mundo, isto é, como uma história trágica.

Referências

- BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*. Vol. I. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. E. F. Dias e R. J. Dias. Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. R. C. M. Machado e E. J. Morais. 3.ed. Rio de Janeiro: NAU, 2002.
- _____. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: *Microfísica do poder*. Org. e trad. R. Machado. 15.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000a, pp. 15-37.
- _____. “Nietzsche, Freud e Marx”. In: *Um diálogo sobre os prazeres do sexo e outros textos*. Trad. J. L. Barreto e M. C. G. Cupertino. São Paulo: Landy, 2000b, pp. 47-62.
- GIACIOIA JR, O. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000a.
- _____. “Nietzsche: perspectivismo, genealogia e transvaloração”. In: *Cult. Revista brasileira de literatura*, 37, 2000b, pp. 46-51.
- JAPIASSÚ, H., MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 3.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- LINS, D. A história da cultura é a história da crueldade. In: FEITOSA, C. *et al.* (Orgs.). *A fidelidade à terra: arte, natureza e política*. Assim falou Nietzsche IV. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, pp. 305-312.
- MARTON, S. *Nietzsche: a transvaloração de todos os valores*. São Paulo: Moderna, 1993.
- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad., not. e posf. P. C. L. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Aurora*. Trad., not. e posf. P. C. L. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Assim falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. M. Silva. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos, ou, como filosofar com o martelo*. Trad. M. A. Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

⁵⁹ GM, II, § 11.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|

- _____. *Ecce homo: como cheguei a ser o que sou*. Trad., not. e posf. P. C. L. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Fragmentos finais*. Sel., trad. e pref. F. R. Kothe. Brasília: Ed. UnB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad., not. e posf. P. C. L. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad., not. e posf. J. Guinsburg. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Obras incompletas*. Trad. e not. R. R. Torres Fº. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).
- _____. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. M. A. Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- _____. *Vontade de potência*. Trad., pref. e not. M. D. F. Santos. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- SAFRANSKI, R. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. Trad. L. L. Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

| | | | | | |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|
| INTUITIO | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | V.1 - No.2 | Novembro 2008 | pp. 308-328 |
|----------|-------------------|--------------|------------|------------------|-------------|